

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

RENATA CARDINALI DO NASCIMENTO

A PEDAGOGIA WALDORF – UMA PROPOSTA DE ENSINO MAIS HUMANO

São Paulo

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

RENATA CARDINALI DO NASCIMENTO

A PEDAGOGIA WALDORF – UMA PROPOSTA DE ENSINO MAIS HUMANO

Monografia apresentada ao Curso
de Pedagogia da Pontifícia Universidade
Católica, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharelado.

ORIENTADORA: MARIA STELA SANTOS GRACIANE

São Paulo
2014

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todos me fortalecer diante dos obstáculos e ajudar a manter minha conduta no caminho do bem.

A minha mãe, pai e irmãos por estarem presentes em todas as minhas conquistas compartilharem comigo a beleza do viver e aprender.

Aos meus tios e primos que sempre me inspiram a pensar a importância da família.

A Caroline de Fátima Braulino, uma pessoa única, que me fez descobrir uma nova forma de ver e viver no mundo através da beleza do amar.

Aos meus amigos, que estão presentes em minha jornada compartilhando tristezas e alegrias.

Aos colegas de trabalho, no apoio e na compreensão.

RESUMO

Esta pesquisa investiga a proposta da Pedagogia Waldorf, com o objetivo de compreender os aspectos que a tornam deferentes de outras pedagogias. A mesma oferece uma proposta que visa compreender o ser humano em sua integralidade. A pesquisa apoia-se teoricamente na Antroposofia de Rudolf Steiner para o estudo da fundamentação da Pedagogia Waldorf; na ideia de conscientização proposta por Paulo freire; na visão crítica da filósofa Viviane Mosé; na proposta de Pedagogia da Transgressão proposta por Ruy César. O referencial transita por questões que nos levam a refletir sobre a importância de uma conscientização de si mesmo, para um ensino mais humano. A contribuição final é a reflexão sobre as características e princípios da Pedagogia Waldorf, para uma educação consciente.

Palavras-chave: ciência-espiritual, consciência educacional, transgressão.

ABSTRACT

This research investigates the proposal of Waldorf education, with the goal of understanding the aspects that make respectful of other pedagogies. The proposal of Waldorf education offers a deep knowledge about the human being in its entirety. The research is based theoretically on anthroposophy of Rudolf Steiner for the study of anthroposophy as the foundation of Waldorf education; awareness on the idea proposed by Paulo Freire, critical view of the philosopher Viviane Mosé; Pedagogy of transgression proposed by Ruy Cezar . The authors ideas make us to reflect on the importance of an awareness of ourselves for a more humane education. The final contribution is a reflection on the characteristics and principles of Waldorf education, education for a conscious.

Key-words: spiritual-science, educational awareness, transgression.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. O ATO DE EDUCAR	8
3. A CRISE DA EDUCAÇÃO	12
4. ANTROPOSOFIA – INTRODUÇÃO À CIÊNCIA ESPIRITUAL	16
5. A PEDAGOGIA WALDORF – EDUCAÇÃO PARA A VIDA	23
6. FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS	27
6.1 - O PROFESSOR REALIZADOR DA PEDAGOGIA WALDORF	29
6.2 - A CLASSE	32
6.3 - O ENSINO EM ÉPOCAS	33
6.4 - PROCESSO DE AVALIAÇÃO	35
7. CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu da necessidade e da curiosidade de investigar com maior riqueza de detalhes quais as principais características que embasam a pedagogia Waldorf tornando-a respeitada ao longo dos anos e fazendo-se desmistificada aos olhos dos educadores brasileiros que buscam formas mais coerentes de educar visando o respeito a individualidade de cada Ser.

Frente a tantas mudanças no sistema educacional que ainda se mostra enraizado e engessado em uma pedagogia tradicional, dotada de dogmas e paradigmas, outros olhares estão sendo lançados para novo, que busca uma educação de qualidade considerando o indivíduo como um ser inacabado. Um Ser capaz de ser lapidado explorando todas as suas potencialidades de forma ampla e plena.

A busca que se tem visto, não é a busca por um método capaz de “vestir” um determinado grupo engessando-o novamente. Más, é uma busca por um ‘educar’ mais humano que visa o ato de educar o outro e se educar para um mundo mais coerente e feliz.

Ao longo do trabalho será apresentado o estudo de um sistema pedagógico, que por décadas encanta e desperta a curiosidade de escolas e educadores, que não propriamente o incorporam, porém orientam-se por essa “nova” filosofia buscando alternativas para alterar, ainda que lentamente, o sistema educacional posto.

Uma filosofia educacional criada em 1919, após 1ª guerra mundial em cenário em que o mundo se encontrava dilacerado por tamanha brutalidade, tristeza e falta de esperança, Rudolf Steiner cria uma escola que visa formar de cidadãos conscientes de si mesmo e do outro. Seu desejo era criar uma escola capaz de instruir as crianças a um novo olhar frente à situação que os rodeava. Uma época de desesperança que necessitava uma célula germinativa - de amor, como Rudolf Steiner, nomeia sua intenção, para lançar novos e positivos rumos para a Humanidade.

A Pedagogia Waldorf, criada por Rudolf Steiner se distingue de outras pedagogias pelo fato de se basear numa observação íntima do ser humano, especificamente de sua fase “ser criança”.

A proposta Waldorf, aprofunda-se no conhecimento do desenvolvimento infantil com base na sua cosmovisão de homem. Com o objetivo de desenvolver a criança em seus aspectos: físico, emocional, mental e espiritual, sua concepção de aluno e escola se diferencia de todas as outras pedagogias, tornando sua didática própria.

No decorrer dos capítulos será feita uma investigação sobre Antroposofia, ciência-espiritual que fundamenta a proposta pedagógica de Steiner; a apresentação das características e princípios da proposta Waldorf além de reflexões de autores que trazem questionamento em torno do sistema educacional atuante.

Através dos levantamentos feitos, pontuaremos características referentes ao sistema escolar atual considerando pontos da filosofia Waldorf como norteadores para uma educação consciente e transformadora.

Iniciarei essa pesquisa apresentando a atual crise educacional que abrange todo o território brasileiro, pontuando algumas de suas deficiências e algumas das atitudes a serem tomadas para uma melhora frente a esse cenário.

Posteriormente apresentarei a luz de diversos teóricos o Ato de educar como sendo um ato de amor e de constante vigília que nos levará a pensar sobre uma reestruturação na formação docente.

Seguirei abordando os conceitos que tornam a Antroposofia, uma ciência espiritual. Ciência que embasa uma conduta educacional que visa educar para si e para o outro buscando uma educação livre e natural.

A Pedagogia Waldorf será explorada em seus princípios e fundamentos que auxiliarão em uma melhor compreensão de seu processo visando coerência entre teoria e prática para uma educação libertadora.

2. O ATO DE EDUCAR

O ato de educar nos remete a refletir sobre quem será o sujeito a ser educado e como se dá esse processo. Podemos considerar que no ambiente escolar somente as crianças são educadas (como tem sido apresentado nos dias de hoje frente ao sistema posto), ou podemos considerar que o ato de educar coloca o corpo docente e discente em uma constante troca amorosa de conhecimento ainda que possuam uma relação assimétrica.

Como Paulo Freire enfatiza em seu livro *Pedagogia da Autonomia*(2011):

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.

Nesse sentido, fica claro que o ato de educar, de formar um sujeito, não é a ação pelo qual um sujeito dá forma, estilo ou vida a outro, mas sim a ação de reciprocidade como ação capaz de formar e re-formar os indivíduos em questão.

Para Paulo Freire(2011) aprender passou a preceder a palavra ensinar, pois para ensinar é preciso aprender caminhos novos e criar possibilidades de produção ou construção para quem aprenderá, sendo então, uma troca consistente e contínua.

No mesmo livro, citado acima, Paulo Freire apresenta que o ato de ensinar vai além da transmissão de conhecimento, pois ensinar exige: rigorosidade metódica (reforçar a capacidade crítica do educando despertando sua curiosidade e sua insubmissão às ideias postas considerando a evolução para todos), pesquisa (não há pesquisa sem ensino e ensino sem pesquisa; ensino porque busco alguma coisa), respeito aos saberes dos educandos (considerar a bagagem adquirida pelo aluno, assim como, seus saberes socialmente construídos na prática comunitária), criticidade (a curiosidade que os leva a criar um novo olhar diante do apresentado), estética e ética (aprofunda-se na compreensão e interpretação dos fatos fugindo da superficialidade), corporificação das palavras pelo exemplo (fugir do “faça o que eu

digo, mas não faça o que eu faço”), aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação (validação da democracia), reflexão crítica sobre a prática (movimento dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer), reconhecimento e a assunção da identidade cultural (assumir-se como um ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar), consciência do inacabado (somente onde há vida, há o inacabado), reconhecimento de ser condicionado (condicionado e consciente de ser um ser inacabado), respeito à autonomia do ser do educando (respeito a autonomia e dignidade de cada um), bom-senso (é quem me adverte sobre minha conduta), humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores (fugir do discurso acomodado que cerca as várias classes), apreensão da realidade (capacidade de aprender sobre ela para alterá-la), alegria e esperança (professor e aluno podem ter esperança de resistir frente aos obstáculos que ameaçam a alegria do todo), convicção de que a mudança é possível (o mundo não é, o mundo está sendo) e curiosidade (a curiosidade se sustenta no exercício da afirmação de outra curiosidade).

Mais enfaticamente do ponto de vista do educador e do sistema educacional, Paulo Freire aponta que ensinar exige: segurança, competência profissional e generosidade (professores que levam sua profissão a sério praticando a generosidade na construção do conhecimento), comprometimento (aproximação entre o que digo e o que eu faço, entre o que eu pareço ser e o que realmente estou sendo), liberdade e autoridade (a não confusão entre liberdade e licença e autoridade e autoritarismo), tomada consciente de decisões (exercer autonomia considerando o outro), saber escutar (escutar para transformar o próprio discurso), reconhecer que a educação é ideológica (cuidado no que acreditamos ser ideologia), disponibilidade para o diálogo (troca de conhecimento) e querer bem aos educando (prazer em revelar minha afetividade).

Frente tantos apontamentos significativos e, possíveis, relacionados ao ato de educar é que muitas escolas e professores passaram refletir sobre sua prática escolar assim como sobre o sistema que os cercam.

Escolas e professores começaram a questionar o sistema vigente buscando alternativas para driblar o ensino autoritário e massificador norteando-se pelas reflexões de Paulo Freire e outros estudiosos que buscam um sistema de ensino crítico e libertador.

Ainda que já exista há quase um século, a pedagogia Waldorf aqui no Brasil tem tomado grandes proporções e relevante aparecimento por estar bastante adiantada no que diz respeito ao ato de ensinar visando um desenvolvimento integral do indivíduo.

Ainda que seus princípios não sejam internalizados pelas escolas e pelo seu corpo docente, reflexões acerca de tais princípios mobilizam os grupos a conduzirem suas salas de aula de forma mais respeitosa ao indivíduo que passou a ser visto como um ser inacabado.

A Pedagogia Waldorf, não tem o intuito de ser original ou revolucionária. Porém apresenta uma proposta de trabalho baseada numa observação íntima do “ser criança”.

Tal proposta vai ao encontro de uma pedagogia capaz formar um cidadão consciente de suas dimensões física, emocional, mental e espiritual.

A Pedagogia Waldorf tem como seu cerne a ideia de formação plena de seus alunos, com o intuito de formar uma sociedade consciente de si mesmo e do outro. Mantém sua preocupação em explorar o significado da palavra Educar.

Rui do Espírito Santo(2011) explica que a palavra educar vem do latim *educere*, ex – (fora) + *ducere* – (conduzir, levar), significando literalmente conduzir para fora. E por mais irônico que pareça, a palavra escola vem do latim *skhole* que significa lazer. Se juntarmos o significado de ambas palavras conseguiríamos algo como “conduzir para fora por meio do lazer”. Se desde a Grécia Antiga a busca pelo conhecimento se dava pelo lazer, o que levou as escolas a tomarem um rumo tão distorcido frente ao ensino é o que nós devemos questionar, assim como, quais novos caminhos serão trilhados para transgredir tais situações postas.

Lamentavelmente, a escola e os educadores têm favorecido para que a valorização do universo externo tido e visto pela criança, seja mais importante, do que a valorização do seu interior, de si mesma.

A escola Waldorf por sua vez, apresenta grande preocupação frente a essa temática. Exige por parte da escola reflexão, conhecimento, rigorosidade metódica, constante pesquisa, respeito pelos saberes dos alunos, coerência entre teoria e práticas e consciência de que o Ser Humano é inacabado e esta em constante transformação para que esse “conduzir para fora” seja real e significativo.

3. A CRISE DA EDUCAÇÃO

Rudolf Lanz (2011) enfatiza que o cenário atual apresentado pelas escolas brasileiras nos mostra uma educação baseada em conteúdos fragmentados cuja finalidade é preparar o indivíduo para a aprovação nos vestibulares, revelando um currículo fraco e limitador, além de, professores mal preparados, desestimulados devido à baixa remuneração e valorização da categoria frente à outras profissões.

Alunos dominados pela permissividade de pais e escola ou autoritarismo em sua extremidade e escolas desestruturadas para receber as crianças de forma respeitosa e sadia por falta de verba governamental agravam a situação.

Escolas privadas ainda que sejam a minoria, possuem maior autonomia para conduzir sua prática, porém não se distanciando muito do cenário posto.

Diante da situação posta, está havendo um mal entendido entre as propostas escolares que vem formando milhões de crianças e adolescentes ao longo dos anos e as solicitações feitas pelo universo profissional.

Eugênio Sales de Queiroz, escritor e especialista em Comportamento Humano, autor do livro *Em busca da excelência profissional* (2006) aponta que o mercado de trabalho está carente de pessoas com atitude e coragem para fazerem o seu trabalho da melhor forma possível.

O autor apresenta que o profissional moderno precisa ter coragem para vencer, determinação e ousadia, equilíbrio emocional e bom humor. Enfatiza também que para aqueles que querem alcançar o êxito profissional é importante praticar o marketing pessoal com eficiência, usar a inteligência emocional para tomar atitudes corretas, ser polivalente em suas funções, ser coerente em fazer o que seu discurso prega, ser capaz de trabalhar em equipe, participar de palestras e treinamentos motivacionais, e usar sua rede de relacionamentos de forma positiva.

Considerando que as crianças passam por volta de 17 anos, aproximadamente, no ambiente escolar, onde o seu desenvolvimento cognitivo, físico, social e emocional

deveriam ser tidos como prioridade, é notório que esse desenvolvimento não tem sido integral em sua plenitude uma vez que o material humano que está deixando as escolas não está sendo compatível com as solicitações feitas pelo meio profissional.

Rodolf Lanz(2011) pontua que:

“(...) desde o berço, o homem moderno está acostumado a uma completa passividade mental; os meios de massa lhe servem notícias, divertimentos e slogans prontos; ele vive em apartamentos sem personalidade, em meio a móveis e objetos fabricados em série; as imagens que circundam (graças à publicidade), as opiniões que ouve, tudo isso o transforma num mero consumidor cuja única iniciativa consiste, a rigor, em escolher entre várias opiniões igualmente prontas. Sendo solicitado só de fora, sem fantasia nem engajamento próprios, com o pensar reduzido a um raciocínio mecanizado (pelo cientismo que culmina no computador), sua criatividade acaba sendo totalmente atrofiada.”

A filósofa Viviane Mosé (2010) descreve a escola atual como um modelo de escola com características de dois momentos diferentes de educação. No primeiro momento descreve uma escola baseada na estrutura de Fábricas de produção em massa. Escolas seriadas, fazendo referência à produção em série; os conteúdos passaram a ser chamados de disciplinas; existe um modelo a ser seguido que não apresenta flexibilidade; os sinos e campainhas utilizados pelas escolas para a mudança de uma disciplina são os marcadores e divisores de um processo.

Em um segundo momento, remete a escola ao conceito de reformatório, de uma prisão, modelo surgido durante o regime militar. O modelo de escola citado acima tinha o intuito de formar indivíduos passivos, disciplinados, não críticos, ausentes de questionamentos e reprodutores de ideias. Tal movimento favoreceu o surgimento das “grades” curriculares; dentro das grades curriculares, disciplinas; e as avaliações, também conhecidas como provas ou testes, são utilizados como divisores de água para a absolvição ou não do indivíduo.

Frente às comparações feitas por Viviane Mosé (2010) em relação à escola atual podemos pensar que a escola é uma indústria do saber, onde o conhecimento é oferecido como uma mercadoria e os seus valores são mensuravelmente quantitativos. A escola desmembra o ensino em compartimentos e embuti os alunos em currículos compostos de blocos pré-fabricados, ignorando seu desenvolvimento natural e consciente.

A filósofa citada anteriormente direciona sua reflexão a concepção de educação que decorre sobre o docente. O professor, como parte de um “sistema” e por falta de aprimoramento, vive a ideia de educar e ensinar seu aluno, com base na “transferência” de “dogmas” e conhecimento, não conseguindo transgredir para a concepção de ensinar como a arte de criar possibilidade para a construção e produção de um novo saber.

A produção de um novo saber partirá de uma necessidade de autoconhecimento do professor e do aluno. O aluno será auxiliado, no decorrer desse caminho pelo professor que o ajudará desde os anos iniciais a conhecer a si mesmo. Caso o professor não tenha conhecimento de si mesmo e da importância do seu papel diante do mundo, como citado pelo professor Ruy César (2007, p.66) “teremos, seguramente, cegos conduzindo cegos”.

Paulo Freire (2011, p.46) a respeito do ato de ensinar diz que:

“É preciso insistir: este saber necessário ao professor – de que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser aprendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica -, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido”

Quando Paulo Freire cita a ideia de que o conhecimento precisa ser “constantemente testemunhado vivo”, apresenta a coerência que deve haver entre o discurso teórico e a prática, o exemplo concreto dos pensamentos.

No modelo de escola vigente, é possível identificar a falta de aplicação dos apontamentos feitos anteriormente, salvo escolas que possuem um olhar mais refinado para o desenvolvimento do indivíduo, como é o caso das escolas Waldorf, que vem mostrando um interesse enorme e enfatizar e explorar as diversas habilidades do ser humano.

Com base na Antroposofia (Lanz, 2011), que é uma visão do Universo e do homem obtida segundo métodos científicos o mundo e toda a existência têm um sentido. Nada é visto como obra do acaso. O Homem por ser parte do Universo, possui uma estrutura, e sua existência possui um sentido. Ele se projeta na Humanidade.

Rudolf Lanz, diante da situação educacional posta atualmente afirma:

“No meio de tal conformismo existem, felizmente, vozes que se erguem contra esse rumo das coisas; movimentos que querem alertar a consciência do homem contra os perigos que o ameaçam; e impulsos práticos que se opõem a isso. Um deles é a Pedagogia Waldorf.”

Diante dessa afirmação, fica evidente a necessidade de uma reestruturação no sistema educacional, partindo primeiramente de uma reestruturação individual (reorganização) e da liberdade de busca e experimentação frente às temáticas postas.

É necessário abrir as portas, pois o novo sempre virá, e caberá aqueles dotados de consciência ou não descobrir a melhor forma de guiá-lo.

A pedagogia estudada ao longo desse trabalho nos aponta uma forma de guiar as escolas e os alunos para mundo mais coerente, mais harmônico e principalmente consciente.

4. ANTROPOSOFIA – INTRODUÇÃO À CIÊNCIA ESPIRITUAL

Venho através deste capítulo investigar características que marcam e distinguem a Pedagogia Waldorf de outras teorias pedagógicas. A Pedagogia criada por Rudolf Steiner, no início do século XX, tem como base a Antroposofia, ciência espiritual que por sua vez assume uma visão do Universo e do Homem a partir de métodos científicos.

A ciência moderna procura investigar o ser humano a partir de pressupostos, enquadrando-o em um sistema de regras, interpretando-o a partir do conhecimento de fatos e fenômenos dos reinos: mineral, vegetal e animal. Já a Antroposofia enfoca o ser humano sob um ângulo mais amplo, representando-o a partir de seu corpo físico, anímico e espiritual.

Na tentativa de compreender a entidade humana, como proposta por Steiner, a primeira observação está relacionada ao nosso corpo que é constituído pelas substâncias ou elementos químicos que também formam o mundo ao nosso redor. O mesmo carbono, oxigênio, cálcio, ferro, etc. encontram-se na constituição do homem quanto do mundo que o rodeia. Em seus conjuntos e combinações essas substâncias formam o reino mineral e podemos dizer também que, o reino vegetal e animal, ainda que em uma forma mais complexa.

Se compararmos o mundo inorgânico (mineral) e os seres do mundo vegetal, animal e humano, veremos que estes se diferenciam pelo que chamamos de vida. O mundo mineral desconhece fenômenos como: o crescimento, formas típicas, regeneração, reprodução, metabolismo, etc. características próprias dos vegetais, animais e seres humanos que por sua vez têm uma existência limitada no tempo; eles nascem e morrem, enquanto uma pedra não deixará de ser uma pedra a não ser que forças externas venham a modificar ou destruir sua forma. Com isso, podemos concluir que os seres orgânicos são regidos por leis distintas daquelas que regem o mundo mineral.

É possível constatar que cada organismo tem sua forma particular e seu período de evolução no tempo; cada organismo necessita de influências exteriores para sua

sobrevivência como, por exemplo: o ar para a respiração e o curso contínuo do metabolismo, são fatores imprescindíveis para o crescimento e todas as demais manifestações da vida.

Como o mínimo de observação do mundo ao nosso redor é possível perceber tais fenômenos. Porém, o que será esse “algo” a mais que faz com que substâncias do mundo mineral venham a formar organismos?

Rudolf Steiner (2007, p.13) oferece a seguinte explicação para o significado da palavra Antroposofia: “Os seres orgânicos possuem, além de seu corpo mineral ou físico, um segundo corpo não físico que permeia o corpo físico. Esse segundo corpo não físico é o conjunto das forças que dão vida ao ser e impedem a matéria de seguir suas leis físicas e químicas normais”. Dentro do conjunto de forças apresentados por Steiner, destaca-se o primeiro nomeado de *corpo plasmador* ou *corpo das forças plasmadoras e/ou corpo etérico*.

O corpo etérico, afirma Steiner, não existe, pois, nos minerais, existe somente nas plantas, animais e no homem. Diferente do corpo físico que é palpável, o corpo etérico não é palpável, porém pode ser observada, sua existência pode ser evidenciada, suas funções analisadas e investigadas por experiências própria e direta. Porém, com a influência do mundo externo, nossos sentidos comuns nos mostram somente objetos e forças físicas, dificultando tal observação.

A ciência espiritual nos revela que o homem possui, além dos sentidos físicos, sentidos superiores que lhe possibilitam observar fenômenos de planos elevados. Afirma o autor que todo ser humano possui esses sentidos em estado latente, podendo ser despertado por meio de um treino adequado.

O corpo etérico mantém a vida e atua contra a morte; e a mesma trata-se de um processo natural de enfraquecimento progressivo das forças plasmadoras do corpo etérico até o momento da morte. O corpo etérico, além de dar forma, provoca também toda a dinâmica das funções vitais. Diz o autor haver, então, dentro das funções vitais a consciência que se faz à custa das energias vitais.

Quando pensamos que todos os organismos possuem corpo etérico temos que refletir sobre a diferenciação dos vegetais, animais e homem. É notório que os vegetais aparecem como um ser adormecido, entregue as influências externas que serão responsáveis pelo seu desenvolvimento. Já os animais, vivem entre estados de sono e vigília; sentem e reagem, manifestam atitudes de atração, repulsa, podem aprender, além de não precisarem de forças externas para se desenvolver. Porém existe nos animais uma espécie de espaço interior, que não é apenas físico que os permitem tais ações.

A Antroposofia nomeia esse espaço de *anímico* onde um mundo próprio de reações instintos e atitudes existem e o fazem ocupar um lugar na natureza. Essa propriedade relativa ao animal o permite ter sensações, reflexos, simpatias, antipatias, instintos e paixões. Tal propriedade relativa ao homem torna possível toda a gama do sentir, desde o instinto primitivo até os sentimentos mais nobres e sublimes. Tal propriedade também é chamada de “corpo”, mas de uma substancialidade ainda mais refinada e sutil do que a do corpo etérico. Esse corpo, veículo das sensações e sentimentos, pode ser chamado de *corpo de sentimentos* ou *corpo astral*. Compreendemos, então, que tanto o homem quanto o animal possuem além de um corpo físico e etérico, essa terceira parte de sua entidade, pela qual participam de um terceiro plano – o chamado plano astral. Tal corpo se encontra acima do corpo etérico. Tal plano provoca no corpo físico e no corpo etérico uma espécie de consciência.

Evidente que quando falamos dos animais, os mesmo não possuem uma consciência lúcida, individual, pois não podemos falar de indivíduos entre os animais uma vez que todos os animais de uma mesma espécie se comportam e reagem de maneira igual, como se um impulso de grupo lhes orientasse a vida. O animal segue trilhas fixas e predeterminadas a uma mesma espécie. Rudolf Steiner, não atribui aos animais uma “alma” (conjunto de forças anímicas), mas antes uma alma de grupo que se manifesta por meio dos corpos astrais de todos os membros de uma mesma espécie. Rudolf Lanz (2011, p.66), sobre o desenvolvimento do animal pontua que:

“O animal não possui um eu; por isso não é capaz de aprender. Ele permanece sempre o mesmo, estando pronto e perfeito desde o início de sua existência (com exceção de certos vertebrados superiores). Seu caminho está traçado. Embora possa haver necessidade de certos acontecimentos sem os quais o desenvolvimento permanece imperfeito.”

Referindo-se mais propriamente ao corpo astral humano, Steiner diz que quanto mais puro e menos egoísta os sentimentos do homem, mais puro e brilhante é seu corpo astral, ao qual também se dá o nome de *aura*. A clarividência revela que o aspecto do corpo astral depende dos sentimentos que prevalecem no indivíduo assistido.

Após tais compreensões, podemos nos questionar se o homem é apenas um animal evoluído – com certas capacidades já existentes, porém aperfeiçoadas e desenvolvidas -, ou se o homem é fundamentalmente diferente de qualquer animal, possuindo algo que o distingue. Teorias evolucionistas aceitam a primeira hipótese uma vez que consideram que o homem é um animal melhor desenvolvido; já a Antroposofia não partilha da mesma ideia.

Para a Antroposofia, diferente dos animais que não possuem individualidade e são dirigidos por alma de grupo; com exceção dos casos de condicionamento – animais domésticos que sofreram a influência do homem - cada homem é um ser único, singular, diferentes de todos os outros seres humanos. Só no homem há essa individualização.

Segundo Rudolf Steiner (2007, p.28), a diferenciação do animal e do homem se dá através da organização do EU, atribuída somente ao homem. Através dela ele mantém a sua força ereta. É ela o seu portador de sua vida espiritual autoconsciente.

Enquanto os animais estão em um estado de vigília, o qual não podemos dar o nome de consciência, só o homem é capaz de ter consciência de si próprio, a autoconsciência, que por tanto o faz ter plena noção de si mesmo frente ao mundo. Isso nos faz refletir sobre uma série de capacidades não encontradas no animal como: somente o homem pode pensar, opor-se ao mundo numa relação sujeito-

objeto. Ele pode representar de maneira abstrata suas vivências sensoriais e elevar-se a conceitos e ideias; Diferente do animal que esta entregue as suas sensações e sentimentos, o homem possui durabilidade dos sentimentos, além da presença da causa. É capaz de através de uma representação mental, provocar um determinado sentimento; A memória é uma faculdade exclusivamente humana pois somente o homem pode representar sobre forma de imagem um ser ou uma situação da qual não haja mais vestígios; nenhum animal pode dominar seus instintos por uma decisão autônoma, já o homem pode livrar-se das influências do meio, isolando-se por completo e podendo até resistir a essas influências. Pode dominar-se, renunciar a um determinado prazer ou à satisfação de um desejo além de poder ponderar e refletir sobre as consequências de um ato passado; só o homem tem a liberdade de agir, de escolher conscientemente entre vários atos possíveis.

Além de todas as características descritas a cima, o homem possui um centro autônomo de sua personalidade, o qual constitui o âmago de sua consciência e com o qual ele mantém uma experiência direta. Quando fala desse centro, ele diz “eu”, e esse eu, ou ego, é que o distingue do animal. Acima e além dos corpos(físico, etérico, e astral) que servem apenas de base ou envoltório, o homem possui esse quarto elemento constitutivo de sua entidade – o *eu*. O eu confere ao homem sua personalidade, o eu pensa, sente e deseja por intermédio de seus corpos inferiores. Rudolf Lanz (2011, p.66) diz que:

“O homem é um ser temporal. Ele se transforma, vindo a tornar-se outro, de acordo com suas vivências. Possui um cerne de sua natureza, que é o eu;[...] constitui um centro de transformações, de sublimações, de reminiscências,etc. Algumas delas correm em plena consciência; outras se realizam em camadas mais ou menos profundas do consciente. Conhecimentos transformam-se em aptidões, sentimentos em ações morais, imagens em forças ou defeitos físicos.”

O eu é eterno independente e alheio às características passageiras de seus corpos inferiores. Todos estão a serviço do eu que não está sujeito as limitações do espaço e do tempo.

Para Steiner (2007, p.23), a presença do eu, faz com que o homem seja sua própria criação e criador. Criado por forças exteriores a ele, porém liberto das mesmas e capaz de se firmar autônomo e criador. Capaz de continuar a obra de Criação como pensador, filósofo ou artistas, acrescenta ao mundo algo novo. Sua liberdade vai de encontro com o determinismo que domina os reinos inferiores. Ele evolui sobre tudo pelo aperfeiçoamento de suas faculdades.

O conjunto de todas essas “forças” é chamado vulgarmente por Steiner de alma. A alma é o elemento de ligação entre o eu e o mundo.

A alma separada do corpo físico e do eu, constitui um elemento de ligação entre o eu e o mundo. O eu sente e age por intermédio desse instrumento. Porém, essa alma não é homogênea. Essa alma se manifesta de três diferentes formas. A Antroposofia fala até de três almas:

1. A alma sensível ou alma da sensação (Etérico): ela traz a consciência das sensações, a vivência de uma impressão sensorial. Mediante a sensibilidade, o homem vivencia o mundo.
2. A alma do intelecto ou a alma do sentimento (Anímico-Astral): por meio dela o homem formula seus pensamentos; Coloca em ordem suas sensações recebidas, compreende o mundo, constrói um universo interno de pensamentos e ideias.
3. A alma consciente ou alma da consciência (Eu): traz ao homem a consciência de sua própria individualidade e o choque entre seu ego e o mundo.

As três almas são fruto da simples coexistência entre o eu e os três corpos inferiores. Porém, um grande esforço é necessário para o homem poder transpor o abismo que a própria alma consciente rasgou entre ele e o mundo. A Antroposofia propõe para isso um caminho de reestruturação adequado ao homem moderno que precisa restabelecer a ligação entre a parcela espiritual de seu eu e a espiritualidade universal. Para Rudolf Lanz (2011, p.27):

“No futuro, o eu, que entrementes terá atingido a plena maturidade e autoconsciência, deverá tomar seu destino nas próprias mãos. Ele impregnará com suas forças as propriedades

os três corpos inferiores, começando pelo corpo astral, que lhe oferece menor resistência do que os corpos etérico e físico, mais “densos” e menos maleáveis.”

Nesse trabalho de “espiritualização” consciente dos corpos inferiores, o eu criará, por assim dizer, novos membros futuros, novas camadas do ser humano.

Todos os seres, inclusive o homem, encontram-se em contínuo processo de evolução. No que se refere ao homem, dependerá de cada indivíduo a conquista, graças ao seu livre-arbítrio, dos estados de moralidade e desenvolvimento mental que constituem a “meta” de sua existência humana.

A Antroposofia confirma o fato de existir para cada eu humano uma sequência de vidas terrestres que lhe permitem encarnar-se em muitas fases da evolução terrestre. Para Rudolf Lanz (2011, p.29):

“Essas vidas sucessivas só tem sentido quando permitem ao indivíduo enfrentar condições e situações tais que possa progredir moralmente, devido ao seu livre-arbítrio. Naturalmente isso também implica na possibilidade de falhar, de regredir, de ser desviado de um caminho que deveria levar o homem, através das reencarnações, a atingir um estado final de perfeição e harmonia.”

Para Rudolf Lanz (2011, p.29) cada vida coloca o indivíduo diante de diferentes situações, encontros, tarefas, problemas, desafios. Porém que prepara os grandes fatos e situações “cármicas” é o próprio eu, em sua existência espiritual anterior a cada encarnação. Cada ato, cada decisão tomada numa vida terá consequências em vidas futuras. Todos os fatos e circunstâncias de uma vida apontam, portanto seja para trás (sendo resultado de algo passado), seja para o futuro (quando produzirão efeitos em outras vidas do mesmo indivíduo).

Todo o sentido da existência humana é, portanto, espiritual e moral. Cabe-nos fazer um esforço para aproximar-nos cada vez mais, através de vidas sucessivas, de uma imagem prototípica divina do ser ‘homem’.

5. A PEDAGOGIA WALDORF – EDUCAÇÃO PARA A VIDA

Com base nos estudos feitos nas afirmações de Rudolf Lanz(2011) esse capítulo visa adentrar dois tópicos atualmente esquecido pelas escolas: “educar para quem e para quê?”. Essas perguntas de forma geral vinculam-se a duas respostas que parecem óbvias: “Me educa para a sociedade”. Tal resposta faz com que reflitamos se a real conduta das escolas tem levado os indivíduos a se auto educar para uma convivência em grupo ou para somente uma promoção e ascensão profissional como se tem visto atualmente.

O desenvolvimento parcial, ou fragmentado (uma vez que as escola enfatizam apenas o desenvolvimento cognitivo) do aluno tem feito aparte da sociedade que o rodeia, impossibilitando-o de agir frente às situações postas uma vez que não as experimentou e não as valida.

Ampliando um pouco mais sobre a necessidade de um desenvolvimento integral do indivíduo para agir na sociedade, adentro uma das temáticas desenvolvidas por Jean Piaget no que diz respeito a moral do indivíduo e o papel da escola frente a essa construção.

A escola deve ajudar a criança a controlar seus impulsos, tornando-as aptas para refletirem nas consequências de seus atos. Isto envolve descentração e reciprocidade, condições necessárias para considerar perspectivas e os sentimentos dos outros

Piaget aponta que a moralidade da criança vai se desenvolvendo a partir da interação que a mesma estabelece com o meio. Seus estudos demonstram a existência de três estágios que classificam esse desenvolvimento.

- A pré-moralidade que consiste na total ausência de normas(anomia);
- A heteronomia ou realismo moral em que o indivíduo atende as regras estabelecidas pelo outro num relação de submissão e poder;

- A autonomia que dá um novo sentido as normas impostas estabelecendo uma relação de respeito mútuo.

Ainda que tais estágios estejam relacionados aproximadamente a determinadas faixas etárias anomia (0-2 anos), heteronomia (2-8) e início da exploração da autonomia (8 - em diante) é possível notar que muitos adultos se encontram em fases erradas devido a não terem experimentado no momento exato além de possivelmente não terem tido bons professores capazes de fazerem mediações de qualidade rumo a autonomia. Hoje temos jovens e adultos completamente avessos as regras não considerando o outro em suas ações, assim como uma grande maioria apática a criação por viver e acreditar no direcionamento de outrem.

Observa-se que cada estágio envolve uma transformação no modo como o seu jeito pensa sobre o que é de direito ou correto. Pode-se dizer em resumo que, conforme se desenvolve e vai percorrendo os estágios a perspectiva social do indivíduo torna-se gradativamente mais ampla. O sujeito avança a posição de olhar simplesmente para si próprio, ate considerar uma outra pessoa; depois, considera um grupo um pouco maior, tal como sua família, os amigos ou a classe. Posteriormente, passa a levar em consideração um grupo ainda mais amplo, tal como a sociedade como um todo. Até que finalmente, a perspectiva torna-se mais abrangente ao levar em conta a humanidade geral (DeVries & Zan,1998).

A civilização atual é científica, materialista e dominada pela técnica. Doutrina a sociedade a acreditar que só existente o que está diante de nossos olhos e é capaz de ser apalpável, além disso, toda a civilização atual existe, praticamente para satisfazer 'necessidades' humanas (visando satisfazer sua própria necessidade), sendo que essas necessidades são materiais ou semelhantes: vida confortável, passatempos, saúde, segurança quanto ao futuro, etc.

Frente a esse cenário faz-se necessário questionar onde se encontra o indivíduo autônomo, considerando que autonomia diferente do que se imagina e é visto – o ato de falar, fazer e pensar como quiser agindo por conta própria satisfazendo a si

mesmo – é na verdade a capacidade de tomar suas próprias decisões considerando o outro a todo o momento.

Com base na visão antroposófica, o homem não deve apenas existir por si, mas conviver com os outros e elaborar, para essa convivência, as regras necessárias para facilitar o desenvolvimento e o bem-estar de todos.

A sociedade é, portanto, um fato necessário dentro do contexto 'natureza humana'. Mas a organização da sociedade deve sempre ser subordinada a um foco: de garantir ao ser humano sua auto-realização de acordo com sua natureza intrínseca, sua evolução e sua posição frente ao grupo. A integração social sadia é uma consequência do respeito a essa imagem do ser humano

Rudolf Lanz(2011,pg 173) afirma que:

A sociedade deve moldar-se, em sua realização, em qualquer momento histórico, segundo o grau de evolução atingido pelo homem e variar em função desta – e não vice-versa! Seria, portanto, inadmissível que o jovem fosse educado de maneira a se tornar, quando adulto, um cego e dócil admirador de todos os valores da sociedade existente.

Frente a essa afirmação é notória a necessidade do indivíduo de conhecer o mundo ao seu redor e estar preparado para atuar e viver dentro dele; porém não significa que deva considerar o mundo imutável. Ele deve, ao contrário, ter a capacidade de questionar positivamente o mundo, de imaginar novos ideais e transformar o mundo de acordo como estes.

Essa deve ser uma grande meta da educação, principal daquela que visa desenvolver o indivíduo autônomo.

A formação integral e global que o aluno da escola Waldorf recebe inclui além de um conhecimento profundo sobre si mesmo, um intenso cultivo do senso de responsabilidade social. Com base em suas múltiplas vivências, o aluno possuiu

uma rica escala de valores, sem prejuízo de seu espírito crítico, de sua honestidade e de sua coragem para enfrentar problemas e lutar em prol de suas ideias.

O fato da criança crescer inserida em uma classe que visa a cooperação, o respeito mútuo e as características individuais de cada um faz com que ao adentrar a vida adulta com seus deveres e direitos busque esse mesmo espaço e, ao se deparar com o cenário posto, compreende o diferente mostrando-se apto a auxiliar aqueles que o rodeiam.

Rudolf Lanz (2011, pg 175) afirma que:

Nos países onde já existe uma tradição da Pedagogia Waldorf os ex-alunos são preferidos para cargos de responsabilidade na indústria e na administração geral, por causa de sua maior criatividade, fantasia e disposição para enfrentar problemas(...)

Essa pedagogia mostra-se contra a massificação pressupondo indivíduos não conformistas, indivíduos que consideram positivo e construtivo ser diferente e respeitar o diferentes, pois esses são os que fizeram e fazem a diferença frente a humanidade ajudando-a a progredir.

6. FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS

Nesse capítulo pontuarei as especificidades que norteiam o funcionamento das escolas que adotam a Pedagogia Waldorf como sua filosofia de conduta e vida.

As escolas Waldorf são instituições onde se aplica a Pedagogia Waldorf. Sua razão de existência esta estritamente ligada à aplicação de um método pedagógico que pressupõe um regime de liberdade de ensino.

Rudolf Steiner, estudioso que já havia proferido conferências sobre a trimembração do organismo social, fora convidado a fundar uma escola para os filhos dos funcionários de uma fábrica de cigarro chamada Waldorf-Astoria, após a primeira Guerra Mundial. Steiner fundou uma escola em 1919 que pudesse representar uma espécie de célula germinativa de uma vida espiritual livre, a qual levou o nome de Escola Waldorf Livre. Para Rudolf Steiner (2011, p.15):

“[...] nossa iniciativa escolar Waldorf [...] é fundamentar uma antropologia, uma ciência educacional capaz de tornar-se uma arte da educação, uma arte da condição humana, que a partir do morto desperte novamente o vivo no homem.”

O sentido da Pedagogia Waldorf é bem definido: ela resulta da Antroposofia em geral e, em particular, do que esta tem a dizer sobre o desenvolvimento da criança. Segundo Rudolf Steiner, a vida humana não decorrer de forma linear, mas em ciclos de aproximadamente 7 (sete) anos. Ao longo da vida escolar, o processo de educação, no sentido comum, acompanha os três primeiros setênios que vai do nascimento até os 21 (vinte e um) anos de idade. Em cada um desses ciclos, um determinado membro da entidade humana se desenvolve de maneira mais pronunciada.

O primeiro setênio corpo, alma e espírito formam uma unidade na criança. Nessa fase, o corpo etérico constitui o elemento mais importante e auxilia no desenvolvimento do corpo físico. Do nascimento aos sete anos de vida, o corpo etérico vai-se tornando cada vez mais autônomo. À medida que sua ligação com o

corpo físico se afrouxa, a memória e a inteligência vão-se envolvendo até a época incisiva em que a perda dos dentes de leite e outros fatos indicam que esta sendo dado passo importante para a escolaridade.

Ao longo do segundo setênio, após a libertação do corpo etérico, é o corpo astral que assume uma espécie de liderança. Vê-se então um desenvolvimento intenso das qualidades a ele ligadas: sentimentos, fantasia, emotividade. O pensar e a memória evoluem rapidamente, embora imbuídos de sentimentos e emoções. A vida sentimental passa a se concentrar no que poderíamos chamar de alma e finaliza-se em torno dos 14(quatorze) anos, no início da crise da puberdade.

O terceiro setênio é período durante o qual o eu se liberta de seus vínculos com o corpo astral e com o resto do organismo, tonando-se autônomo. Essa autonomia do eu inclui o pleno desenvolvimento das faculdades mentais e morais; sem ela não pode existir liberdade da vontade (livre-arbítrio) nem plena responsabilidade moral.

Com base no conhecimento dos diferentes ciclos de desenvolvimento da criança, a Pedagogia Waldorf oferece ferramentas para a prática e desenvolvimento da mesma. Tal pedagogia se diferencia de outras pedagogias por possui 3 princípios necessários para sua existência:

- 1) Liberdade quanto às metas de educação para que seja possível conceber essas metas da forma mais ampla possível;
- 2) A liberdade quanto ao método pedagógico é a chave principal para sua existência, pois é o que diferencia de outras escolas. Esse método é sua razão de ser.
- 3) O currículo constitui uma forte característica da escola por sua liberdade em acrescentar às disciplinas oficiais de ensino uma grande de disciplinas amplas que cabe à escola determinar a época em que as matérias devem ser ensinadas.

Com base nos princípios acima citados os pontos principais que diferenciam e norteiam a Pedagogia Waldorf serão abordados para um maior conhecimento da mesma.

6.1 - O PROFESSOR REALIZADOR DA PEDAGOGIA WALDORF

São os professores que “representam” a pedagogia, e cada professor Waldorf encontra-se com seus alunos a partir do conceito geral da Antroposofia. Isso não significa que se leccione Antroposofia nas escolas Waldorf. Todas as religiões tem seu espaço nas escolas, pois a Antroposofia não é uma religião; é uma visão do universo e do Homem obtida segundo métodos científicos. Dessa cosmovisão decorre a imagem do mundo, a própria existência das escolas Waldorf e o trabalho de seus professores, os quais ‘representam’ a pedagogia praticando-a. Para Steiner (2007, p.17):

“Não compete, em absoluto, transmitir à pessoa em formação nossos ‘dogmas’, nossos princípios, o conteúdo de nossa cosmovisão. Não aspiramos criar uma educação dogmática. Aspiramos a que os dados obtidos por nós mediante a Ciência Espiritual se tornem *ação educacional viva*. Aspiramos a possuir em nossa metodologia, em nossa didática, as possíveis emanções da Ciência Espiritual viva aplicada como tratamento anímico do homem. Da ciência morta só pode emanar o saber; da Ciência Espiritual viva emanará, um manejo no sentido anímico-espiritual. Poder ensinar, poder educar, eis nossa inspiração!”

O professor de classe da escola Waldorf, tende a acompanhar a mesma classe da primeira ao nono ano, ministrando as matérias tradicionais para as quais, nesse caso, não há necessidade de uma formação específica; muitas vezes ele ensina também disciplinas com as quais sente uma afinidade especial como trabalhos manuais, educação física, etc.

Com base nesse convívio diário, um relacionamento íntimo surge entre o professor e a classe. Como o mundo é apresentado à criança por um só professor, ela recebe uma cosmovisão homogênea marcada por uma personalidade querida que estimula na criança uma sensação de força e segurança, que torna o professor tão importante quanto os próprios pais. No decorrer dos anos, estabelece-se um contato estreito e amigável entre os pais e professores, e a existência dessa comunidade tem efeitos altamente benéficos sobre a atividade e motivação dos alunos.

Ministrando muitas matérias, o professor pode atingir os alunos a partir de vários ângulos, podendo dar maior atenção para os seus dons e suas fraquezas. Essa diversidade permite ao professor atingir a cada criança de uma forma ou de outra. O trabalho pedagógico pode basear-se nessa diversidade; o que falta numa determinada disciplina pode ser compensada em outra, pois, o professor tem oito anos para formar seus alunos e tempo para dispor e planejar, uma vez que sua meta não é atingir o resultado de uma matéria, nem de todas as matérias, mas a classe.

O aluno da escola Waldorf, por intermédio do professor, ao longo do primeiro e segundo setênio aprende de pessoas, e não de livros; ele não procura conhecimentos, mas vivências.

O professor ao longo desses oito anos deverá envolver-se e desenvolver-se em outras atividades, ou do contrário ele se cansará e a classe se cansará dele. O mesmo deverá assumir encargos fora do próprio ensino; contribuirá para a administração da escola, participará de conferências e reuniões, auxiliará colegas de trabalho a decidir sobre atitudes a serem tomadas referentes à escola e as disciplinas.

A partir da nona série, o sistema do professor cessa e as matérias passam a ser dadas por professores especializados. Cada série tem seu tutor, porém a figura do professor de classe não se faz mais presente.

Tal atitude condiz com o desenvolvimento anímico-espiritual dos jovens, que nessa idade se opõe a toda e qualquer tutela. É em geral, um período turbulento, pois a “libertação” do professor de classe coincide com o período pós-puberdade. Os

professores nesse período devem auxiliar os alunos a encontrar a si mesmo, diante dessas mudanças.

O tutor de sala é escolhido pelos próprios alunos de sala. O mesmo manterá contato pessoal com os alunos, com a classe. Ele será a ligação entre os alunos, a classe, a escola e os pais.

À medida que os alunos se tornam adultos, as relações se tornam mais pessoais. Não existe mais um superior a ser seguido. O professor tem a sua frente indivíduos quase formados, com os quais não se pode aplicar um método. O professor com sua personalidade e suas qualidades conquistará o respeito dos alunos, sem o uso de qualquer técnica.

Dentre as inúmeras qualidades e responsabilidades atribuídas ao professor Waldorf, algumas ainda se fazem necessárias como:

- 1) *Conhecimento profundo do ser humano.* Conhecimento da Antroposofia e do desenvolvimento dos setênios.
- 2) *O amor como base do comportamento social* em relação aos alunos.
- 3) *Qualidades artísticas.* O professor deve encarar suas atividades com obra de arte procurando suas inspirações não em livro, mas em si.

O professor deve dominar seu próprio temperamento, transformando, quando necessário, sua voz e sua linguagem, evitando abstrações e falando de forma concreta e imaginativa; deve esforçar-se por despertar diante de problemas e situações cujo alcance normalmente lhe teria escapado. Ele aprenderá, em particular, a ler o efeito de seu trabalho nos próprios alunos.

O docente que busca a formação Waldorf é levado à reflexão e fundamentação da prática pedagógica, a partir do estudo aprofundado das obras pedagógicas realizadas por Rudolf Steiner e outros autores que embasaram sua teoria como, por exemplo, Goet.

A grade curricular dos cursos voltados para essa pedagogia envolvem estudos antropológicos, metodológicos e curriculares, bem como aspectos relativos à administração e gestão escolar. Além de aulas expositivas, de cunho antropológico-pedagógico há ao longo do curso intensa exercitação artística e manual, bem como a elaboração criativa de estratégias metodológicas de ensino. Os estágios que o aluno deve cumprir possibilitam a observação da prática que também servem de objeto de estudo. Ao término do curso os profissionais mostram-se sensíveis, críticos e dispostos a discutir e buscar alternativas para auxiliar no desenvolvimento consciente de seus alunos.

O professor Waldorf está sempre em constante transformação e aprimoramento (autoeducação); seu trabalho nunca termina e este se realiza plenamente e se enriquece sob todos os aspectos verdadeiramente humanos.

6.2 - A CLASSE

Os alunos são a meta e a razão de ser das escolas Waldorf. Dentro de uma classe são reunidos alunos de uma mesma faixa etária. Essa unidade que é considerada, tanto pelos alunos quanto pelos professores como uma relação cármica não é quebrada. O aluno, não repete o ano; ele é levado, até o término de seus estudos, dentro da mesma comunidade.

Cada classe é uma individualidade. Possui seu caráter próprio, apesar da diversidade que a compõe. A classe é uma representação de uma comunidade social que reflete, com seus problemas, suas amizades e tensões, seus contrastes internos e vivências comuns. A coeducação de meninos e meninas cria um ambiente natural e fraterno.

A vivência comum, as tarefas e esforços realizados desde o primeiro até o último ano, representam uma grande família ao redor do professor de classe. O número de alunos em cada classe precisa ser grande para que haja uma grande diversidade cultural e com isso, vivências mais profundas e variadas.

A diversidade favorece a percepção individual e do grupo uma vez que frente ao desequilíbrio posto, novas possibilidades de convívio e crescimento são acessadas.

6.3 - O ENSINO EM ÉPOCAS

A pedagogia Waldorf apresenta uma característica muito peculiar frente ao ensino dos conteúdos, bastante diferente da pedagogia tradicional e positivista posta, em que o aluno possui disciplinas ou matérias, que se encavalam uma após a outra respeitando um determinado horário para início e término.

Essa visão de ensino posta nos leva a refletir qual a real relação existente entre esses conteúdos uma vez que os conhecimentos não se cruzam e qual o grau de profundidade desses conteúdos. Para o aluno que está entrando em contato com uma determinada disciplina, qual o significado da mesma sendo que não estabelece relação nem com o mundo externo e nem com o algo que faça sentido para aquele que está vivendo.

Então, o mesmo recorre à chamada “decoreba”. Em que pouco dias antes da prova, se põe a memorizar (ação inata do indivíduo) determinados conceitos tidos em sala, para posteriormente, geralmente após o resultado (nota atribuída), não ser capaz de lembrar o que compunha a mesma. Frente a essa temática, o aluno, vítima do sistema posto, vai se tornando cada vez menos crítico ao que lhe é apresentado pois não se percebe como parte desse todo passando a ser um mero expectador esperando o sinal bater para o término da aula

Encontrar sentido em conteúdos padronizados e superficiais que não oferecem desafio de “relação” e “significância” é o grande questionamento atrelado ao currículo vigente no país e que tem sido adiantado pelas escolas Waldorf.

Diante da riqueza do currículo Waldorf e da disponibilidade de tempo que professor possui, o mesmo pode extrair o essencial de uma determinada disciplina, renunciando detalhes que posteriormente serão esquecidos. Uma vez que a ideia é

formar alunos, a proposta prevê que em cada matéria existem fatos, conhecimentos, leis e relações essenciais que devem ser exploradas significativamente.

O simples conhecimento de determinados conceitos não é interessante uma vez que o aluno não participou da criação desse conceito. Rudolf Lanz (2011) pontua que deve haver uma inter-relação dos conceitos, formando um tecido orgânico e sendo capaz de crescer e adaptar-se na medida em que a cosmovisão do aluno se alarga e resignifica.

Fazendo bom proveito do tempo disponível o professor deve apresentar as matérias de forma viva e atraente, para que os alunos gravem facilmente na memória. Exige-se do professor amplo conhecimento sobre o assunto a fim de evitar o desinteresse por parte dos alunos.

Para alcançar as metas estabelecidas, o currículo apresenta uma proposta de ensino de matérias por *época*. Ao invés de se ter uma determinada matéria distribuída pelo ano letivo, a mesma é lecionada de forma concentrada durante uma época. Nas duas primeiras horas do início do período duas horas são dedicadas ao ensino de uma determinada matéria por algumas semanas pré-estipuladas. O tempo é dividido no intuito de estimular sucessivamente o intelecto, o sentir e o querer dos alunos. Em geral as aulas de época, como são chamadas pelos seus executores, começam por uma parte rítmica onde os alunos cantam, recitam poemas e fazem exercícios fonéticos. Uma vez que todos os alunos encontram-se na mesma homogeneidade a professora inicia o processo de apresentação do conteúdo. As outras aulas do período são destinadas as matérias artísticas, artesanais, educação física, música, línguas estrangeiras, etc. Terminada a época, a matéria em questão é substituída por outra e a anterior poderá ser retomada meses ou até um ano após seu término.

O currículo é um grande diferencial da Pedagogia Waldorf assim como seu ensino por época, uma vez que os alunos em vez de terem sua concentração constantemente transferida de uma matéria para outra, os alunos vivem por um período, imersos no mesmo assunto.

O ensino em épocas é mais compacto, mais concentrado e, devido ao esforço do professor, mais interessante, fazendo com que os alunos gravem a matéria profundamente. Do ponto vista da Pedagogia Waldorf, quando a mesma matéria só é retomada após um grande espaço de tempo, apesar do aprendizado reforçado, os alunos esquecem uma parte e esse esquecimento é tido como positivo, pois a matéria “cai” na inconsciência e amadurece; e quando volta como assunto de época, basta em geral uma curta recordação para que a mesma seja reavivada na memória. Rudolf Lanz (2007, p.103) pontua que “O aproveitamento – como experiência de muitas décadas comprova – é bem melhor.” Para o professor, há uma grande economia no preparo das atividades e uma facilidade no planejamento além de uma maior dedicação emocional que beneficia a qualidade ensino.

6.4 - PROCESSO DE AVALIAÇÃO

Rui do Espírito Santo (2011) sobre o ensino atual vigente na maior parte das escolas denominado tradicional; enfatiza que o mesmo transmite uma ideia minimalista de aceitação ou não do indivíduo frente aos conteúdos apresentados.

Tais provas, exames, testes ou avaliações como por vezes são chamados, fragmentam o aluno considerando momentaneamente o que cognitivamente ele foi capaz de decorar, absorver, uma vez que as escolas tradicionais não visam avaliar o desenvolvimento integral do aluno com base nas aprendizagens obtidas através de suas experiências, visam apenas quantificar, por meio de uma avaliação massificada e quantitativa, qual a participação do mesmo frente a temática posta.

Atualmente, algumas escolas, ainda que por necessidade individual não deixaram o momento “avaliação” de fora porém, passam a compreender que a avaliação tem que ser entendida como algo inerente a todo o processo educacional, com caráter permanente e global afastando a ideia “conteudista” em que os alunos, por falha no sistema educacional, somente estudam em épocas de provas priorizando as matérias devido ao grau dificuldade ou postura do professor.

Rudolf Lanz(2011) afirma quais pontos deveriam ser considerados no processo de avaliação do indivíduo para uma avaliação mais justa e coerente com desenvolvimento integral do aluno:

(...) Um sistema pedagógico que visa à formação e não fichamento cadastral dos jovens tem que entender por “avaliação” algo totalmente oposto. Ele avaliará a personalidade e caracterizará suas várias facetas em vez de apenas medir o seu rendimento. (...) Elas julgam todos os fatores que permitem avaliar a personalidade do aluno e que seriam: o trabalho escrito, a aplicação, a forma, a fantasia, a riqueza de pensamentos, a estrutura lógica, o estilo, a ortografia e além disso, obviamente os conhecimentos reais. Mas o julgamento geral sobre o aluno levará em conta o esforço real que fez (ou não fez) para alcançar tal resultado, seu comportamento, seu espírito social.(Rudolf Lanz, 1986,p.91)

Os professores ao término do ano realizam um boletim relatando a ‘biografia’ escolar do aluno durante o ano, havendo o reforço de todos os professores que com ele estiveram de dirigir aos pais informações fiéis do desenvolvimento do aluno.

Acima, foram apontadas as principais características e princípios da Escola Waldorf Livre, que tem o intuito de respeitar e enxergar seu aluno como um Ser Humano inacabado e em constante transformação.

7. CONCLUSÃO

O estudo teve como objetivo apresentar a ideia de Ser Humano, criada pelo filósofo Rudolf Steiner. Sua ideia de homem baseada na Antroposofia, ciência espiritual criada pelo filósofo, no início do século XX tem como objetivo compreender o homem em seus aspectos físico, emocional, mental e espiritual.

Tendo como princípio a liberdade, Rudolf Steiner criou a Pedagogia Waldorf com a finalidade de oferecer uma educação consciente, capaz de reconhecer em seus alunos suas particularidades além de auxiliá-los em seu processo de desenvolvimento integral.

Para a compreensão da Pedagogia Waldorf foi preciso a investigação do seu fundamento, a Antroposofia. O pensamento intuitivo e o individualismo ético, cultivados como sementes da Antroposofia, são os princípios de uma evolução da consciência humana que traduzem a liberdade e que são idealizados dentro da proposta Waldorf.

Na área da educação, liberdade corresponde à ideia de autoeducação. De um ponto de vista epistemológico, autoeducação significa a capacidade de recriar a ação, através do pensamento intuitivo, de acordo com a percepção do contexto.

No decorrer do trabalho autores como Viviane Mosé, Paulo Freire, Ruy César e Rudolf Lanz, foram mencionados, embasando a crítica à educação vigente e alertando para a importância de uma conscientização do papel da escola e do ato de educar, enfatizando o conhecimento de si mesmo no processo educacional relatando também a postura da Pedagogia Waldorf frente as temáticas.

Através da investigação feita durante esse trabalho foi possível compreender a escola da atualidade e os princípios que a Pedagogia Waldorf dissemina com clareza e como fundamento.

Com os apontamentos feitos ao longo dos capítulos, podemos repensar uma escola, capaz de atuar como transformadora da sociedade, não incorporada, porém

baseada nos princípios de liberdade e totalidade do ser humano, propostos pela pedagogia Waldorf.

Considerando as reflexões abordadas ao longo da pesquisa, faz-se necessário uma reestruturação do processo educacional para que seja possível transgredir as barreiras das então chamadas “escolas tradicionais” para uma escola livre e formadora de consciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1984.

BERTALOT, Leonore. **Criança querida – O dia-a dia da alfabetização**. 2.ed., 1995.

CAFÉ FILOSÓFICO. 2010. São Paulo. Anais Eletrônicos. Disponível em:
<<http://www.cpfcultura.com.br/2010/07/21/cafe-filosofico-cpfl-a-educacao-viviane-mose/>>. Acesso em: 17 set. 2012.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1990.

CHARDIN, Teilhard de. **O meio divino**. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. **Sobre o amor**. São Paulo: Disful, 1979.

_____. **O pensamento vivo de Teilhard de Chardin**. Coord. Martin Claret. São Paulo: Martin Claret, 1988.

ESPIRITO SANTO, Ruy Cezar do. **Desafios na formação do educador: Retomando o ato de educar**. 4 ed. São Paulo: Ágora, 2012.

_____. **Pedagogia da Transgressão: Um caminho para o auto conhecimento**. São Paulo: Ágora, 2011.

_____. **O renascimento do sagrada na educação**. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. **Autoconhecimento na Formação do Educador**. São Paulo: Ágora, 2007.

FAZENDA, Ivani(org). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **A academia vai à escola**. Campinas: Papyrus, 1994

_____. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade.** São Paulo: Cortez, 2001

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 43 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Conscientização.** São Paulo: Moraes, 1980

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Moraes, 1980.

FRIEDENREICH, Carl A. **A educação musical na escola Waldorf.** Trad. Edith Asbeck. 1990.

LANZ, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf: Caminho para um ensino mais humano.** 10 ed. São Paulo: Antroposófica, 2011.

_____. **Noções básicas de antroposofia.** São Paulo: Antroposófica, 1988.

STEINER, Rudolf. **A Arte da Educação – I: O estudo geral do homem: uma base para a pedagogia.** 4 ed. São Paulo: Antroposófica, 2007.

_____. **A ciência oculta.** Trad. Rudolf Lanz e Jacira Cardoso. 6.ed., 2006.

_____. **A educação prática do pensamento.** Trad. Rudolf Lanz. 5. Ed., 2003.

_____. **A filosofia da liberdade.** Trad. Marcelo Veiga. 3. Ed., 2000.

_____. **Carências da alma em nossa época – como superá-las?.** Trad. Rudolf Lanz. 3. Ed., 2002.

_____. **Minha vida.** Trad. Rudolf Lanz, Bruno Callegaro e Jacira Cardoso. 2006.

_____. **Nervosismo e auto-educação / Amor, poder, sabedoria.** Trad. Heinz Wilda e Constanza Kaliks. 4. Ed., 2005.

_____. **O conhecimento dos mundos superiores – A iniciação.** Trad. Erika Reimann. 6. Ed., 2004.

_____. **Seres elementares e seres espirituais.** Trad. Sérgio Correa e Christa Glass. 3. Ed., 2002.

_____. **Teosofia.** Trad. Daniel Brilhante de Brito e Jacira Cardoso. 7. Ed., 2004.